

## ■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ Escola Classe Lajes da Jibóia e sua experiência na formação continuada com o curso “Ampliando Saberes para a Construção da Escola do Campo”

 Gicélia Oliveira Santos \*

**Resumo:** A Escola Classe Lajes da Jibóia está em processo de construção de sua identidade enquanto escola do campo e tem investido em formações continuadas com o objetivo de abrir as trilhas para a ampliação dos conhecimentos em relação à escola do campo e aos saberes para a construção do inventário, levando em consideração os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar e local. Dessa forma, a escola, em parceria com a EAPE, está oferecendo curso de formação na própria instituição, aliando as práticas de educação do campo às pedagógicas, tendo a preocupação incessante em formar cidadãos críticos, conscientes dos seus direitos e deveres, que valorizam o campo e o meio ambiente que os cercam.

**Palavras-chave:** Escola do Campo. Sujeitos do campo. Construção do inventário. Formação continuada. Ampliando saberes.

---

\* Gicélia Oliveira Santos é licenciada em Letras – Português e Pedagogia, e especialista em Docência do Ensino Superior, Psicopedagogia, Gestão e Orientação Educacional. Professora na Secretaria de Estado de Educação do Distrito federal. Contato: [gicelia.santos@edu.se.df.gov.br](mailto:gicelia.santos@edu.se.df.gov.br).

## A EC Lajes da Jibóia inicia seu processo de construção de identidade enquanto escola do campo

A Escola Classe Lajes da Jibóia, localizada na área rural de Ceilândia, Distrito Federal, atende estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de nove anos. Ela começou a dialogar com a Educação do Campo a partir de 2016, por meio de uma formação realizada na EAPE (Centro de Aperfeiçoamento do Profissionais de Educação). Nesse curso, um grupo de professores começou a abrir as trilhas de uma educação do campo, trazendo a ideia de que a instituição precisava ser não apenas localizada no campo, mas ser uma Escola do Campo, que considera a realidade local, a história da comunidade, os saberes populares, enfim, que tem a vivência dos estudantes como ponto inicial para o seu trabalho.

Depois de perceber as demandas urgentes da escola, houve a necessidade de ocupar os espaços de gestão, para que os mesmos pudessem ser ampliados, no sentido de se tornarem mais participativos e democráticos além de imbuídos dos fundamentos e princípios da Educação do Campo.

Com o resultado das eleições, por meio da Gestão Democrática (Lei nº 4.751, de 07 de fevereiro de 2012), a escola iniciou o ano letivo de 2017 dando ênfase à formação de sua identidade enquanto escola do campo. E, assim, com maior incentivo em ampliar os saberes, em parceria com a equipe de formação em Educação do Campo da EAPE, houve momentos de formação nos horários de coordenação da própria instituição de ensino. O curso “Escola do Campo: construção do Inventário na EC Lajes da Jibóia” teve a carga horária de 100 horas com o objetivo de iniciar a construção do inventário.

A partir da formação, foram realizadas atividades e o mapeamento das áreas ao redor da escola, onde os estudantes sugeriram, apresentaram e ajudaram a realizar as mudanças destacadas por eles, e cada vez mais a unidade escolar foi construindo sua identidade enquanto escola do campo.

Entretanto, tendo em vista essa identidade ainda estar num processo de construção, a gestão da escola reconhece que precisa avançar no estudo e na prática da educação do campo, pois uma das grandes dificuldades enfrentadas pela Escola Lajes da Jibóia - e por grande parte das escolas do campo do Distrito Federal - é a rotatividade dos professores, o que dificulta a efetivação da identidade e a continuidade do trabalho pedagógico, e faz surgir a necessidade constante de novas formações, maior conscientização e sensibilização.

Sendo assim, diante dessa realidade, neste ano de 2018, a coordenação da escola, em parceria com a EAPE, ofertou o curso “EC Lajes da Jibóia: ampliando saberes para a construção da escola do campo”, com carga horária de 180 horas. De modo a ampliar a sua oferta aos demais professores da regional de Ceilândia, a escola abriu as portas para receber professores de outras escolas e conta com a presença de educadores do Centro Educacional Incra 9, somadas ao corpo docente da própria instituição, corroborando com as trocas de experiências.

### Seguindo as trilhas em busca de novos conhecimentos

Esse curso se pautou na realidade da escola e, por isso, foram trabalhados temas que dialogam com as demandas

levantadas pela comunidade escolar com base nos princípios da Educação do Campo. Foram trabalhados os seus fundamentos e métodos, como a construção do inventário, além da problematização em relação aos temas ligados à água, ao lixo, à alimentação e produção, ao cerrado, entre outros.

No decorrer do curso, com o término em novembro deste ano, foram realizadas diversas atividades e saídas a campo, para que todos os cursistas pudessem ampliar o conhecimento teórico por meio da prática e da observação e os estudantes se apropriassem do espaço da escola no sentido de conhecer e cuidar melhor.

### Mapeamento dos espaços externos da escola

Apesar da atividade ter sido realizada no ano anterior, houve a necessidade de refazê-la porque muitos estudantes ainda não estudavam na escola nesse período. Dessa forma, o mapeamento dos espaços externos foi realizado com o objetivo de dar aos estudantes a oportunidade de observar e sugerir possíveis mudanças que ajudariam a melhorar esses ambientes. Todas as turmas realizaram a atividade, anotaram, desenharam e apresentaram as sugestões no pátio da escola (Imagens 1 a 10).

Imagem 1. Mapeamento próximo à nascente ao lado da escola.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 2. Mapeamento do jardim.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 3. Mapeamento da entrada da escola



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 6. Mapeamento da horta.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 4. Mapeamento do jardim.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 7. Mapeamento do espaço de convivência



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 5. Mapeamento da agrofloresta.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 8. Apresentação das sugestões feitas pelos estudantes.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 9.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 10.



Fonte: Arquivo da autora.

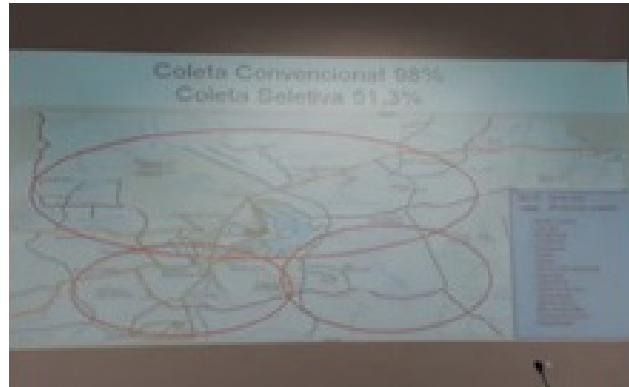
A primeira saída a campo foi ao Aterro Sanitário de Brasília, que foi inaugurado dia 17 de fevereiro de 2017 e fica localizado na Samambaia. Ao chegarmos no local, fomos recebidos pela assessora especial do SLU (Serviço de Limpeza Urbana) que nos deu uma palestra e apresentou o local (Imagem 11 e 12). Lá, foi possível perceber o tamanho do problema enfrentado pelo Distrito Federal até chegar a inauguração do aterro sanitário, problema este que ainda não foi totalmente resolvido.

Imagem 11. Power point apresentado na palestra.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 12. Power point apresentado na palestra.



Fonte: Arquivo da autora.

Antes do aterro sanitário, todo o lixo do Distrito Federal era depositado no lixão da Estrutural que era o 2º maior lixão ativo no mundo e o maior da América Latina, com 40 milhões de toneladas, tendo sido fechado no início de 2018. Além de trazer problemas ambientais, existiam no local, segundo informações da assessoria, diversas situações de risco, como: presença de catadores, inclusive crianças, ausência de cerca, comércio de alimentos, exploração sexual, desova de veículos roubados e drogas. Dessa forma, tornou-se cada vez mais necessário encerrar as atividades irregulares no lixão e inaugurar o aterro sanitário.

Dentro do aterro sanitário há uma grande organização. Há homens e máquinas trabalhando 24 horas por dia, já que toneladas de lixo são depositadas diariamente no local. Não há presença de animais nem odor. O ambiente é preparado inicialmente com a compactação do solo e depois com a cobertura de mantas. O lixo é colocado em forma de camadas de cinco em cinco metros e cobertos em seguida, dando o formato de um bolo. Após a cobertura é plantado grama em cima do local.

Segundo observações feitas, e informações da assessoria especial do SLU que nos acompanhou, existe um sistema de drenagem para o chorume (líquido que é originado da decomposição de resíduos orgânicos), que é altamente poluente. Esse dreno tem a função de direcionar o chorume para um reservatório que é protegido por mantas para não poluir o solo e depois tratado pela CAESB (Imagem 13 a 15).

Imagem 13. Reservatório de chorume.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 14. Preparação para a compactação do solo



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 15. Montanha de lixo



Fonte: Arquivo da autora.

Um dos grandes problemas enfrentados pelo aterro é o fato de não possuir coleta seletiva em todas as cidades do Distrito Federal, pois ao invés de receber apenas rejeitos, vão diversos tipos de lixo que poderiam ser reciclados ou reaproveitados, o que torna sua vida útil cada vez menor, pois a maior parte do lixo que chega ao local não deveria ser depositada lá.

Outra saída a campo bastante impactante foi para a usina de lixo e compostagem do P-Sul, Ceilândia, pois foi possível perceber que a questão do lixo no DF não é somente de gestão, mas também de conscientização da população (Imagens 16 a 18).

A quantidade de lixo e de sacolas plásticas que são despejadas diariamente na usina do P-Sul é impressionante, e a falta de coleta seletiva de lixo dificulta imensamente a seleção feita pelos “catadores de lixo”, pois ficam a maior parte do tempo separando lixos que deveriam ir diretamente para o aterro sanitário, e se já viessem separados, otimizaria o tempo desses trabalhadores e os ajudariam a ter maior renda.

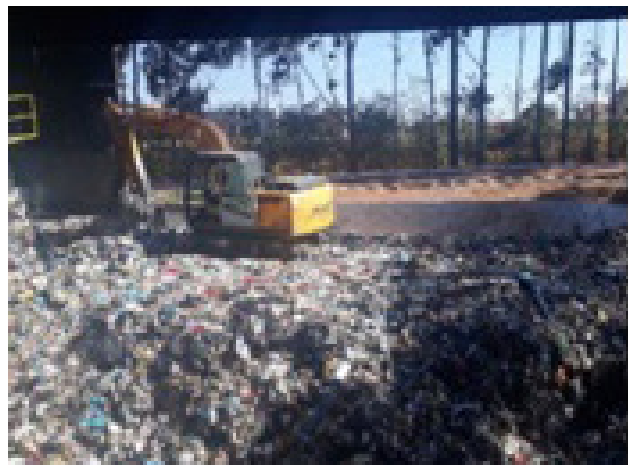
Dentro da usina, há o museu da limpeza urbana com diversos objetos encontrados no lixo e artesanatos feitos por estudantes que visitam o local. O mal cheiro é imenso, não há ventilação no galpão de triagem e nem todas as pessoas trabalham com os equipamentos de segurança necessários (Imagens 19 e 20).

Imagem 16. Galpão que os caminhões depositam o lixo



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 17.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 18. Galpão de triagem



Fonte: Arquivo da autora.

O lixo orgânico que chega à usina é transformado em adubo por meio da compostagem e doado a agricultores cadastrados (Imagens 21 e 22).

Imagem 19. Museu da Limpeza Urbana



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 20. Museu da Limpeza Urbana



Fonte: Arquivo da autora.

Ao trabalharmos o tema alimentação saudável, direito de todos, tivemos com ponto de partida a valorização e ampliação da horta escolar. Falamos sobre soberania alimentar, tipos de produção e de sementes, fizemos diversas leituras, debates, entrevistas e saímos a campo para conhecermos de perto uma plantação convencional.

Ao observarmos as técnicas de plantio utilizadas por esse tipo de produção, foi possível perceber que ela é marcada pelo sistema de monocultura e pelo uso de agrotóxicos para combater as pragas na lavoura.

Diante disso, a discussão sobre o uso de agrotóxicos tem sido realizada constantemente, pois esses produtos químicos, quando utilizados em excesso, causam riscos ambientais e de saúde, não apenas para quem manuseia, mas também para quem consome (Imagens 23 a 25).

O último tema abordado no curso foi o cerrado, a água e a produção de alimentos. Por isso, fizemos uma saída a campo para conhecermos melhor a vegetação próxima à escola. Vimos pés de mamacadela, lobeiras, sucupira, murici, dentre outras (Imagem 26).

Logo depois fomos observar o rio Melchior, que passa pela DF 190, próximo à entrada que dá acesso à escola. Por ter

Imagem 21. Adubo produzido na usina do P-Sul



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 22. Lagoa de chorume



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 23. Sistema de Irrigação e cobertura para desacelerar a evaporação da água.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 24. Plantação de berinjela.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 25. Plantação de abóbora.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 26. Pé de mama-cadela, fruto do cerrado.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 27. Ponte sobre o rio Melchior.



Fonte: Arquivo da autora.

chovido no dia anterior, a água estava barrenta e tinha bastante lixo no caminho (Imagem 27).

Para encerrar o dia de formação, fomos à chácara de moradores que residem a mais de 60 anos na região, conversamos sobre as mudanças ocorridas no local em relação à paisagem, às nascentes, aos rios próximos e observamos que, apesar das grandes mudanças ocorridas, há em diversos lugares a preservação da vegetação do cerrado (Imagens 28 e 29).

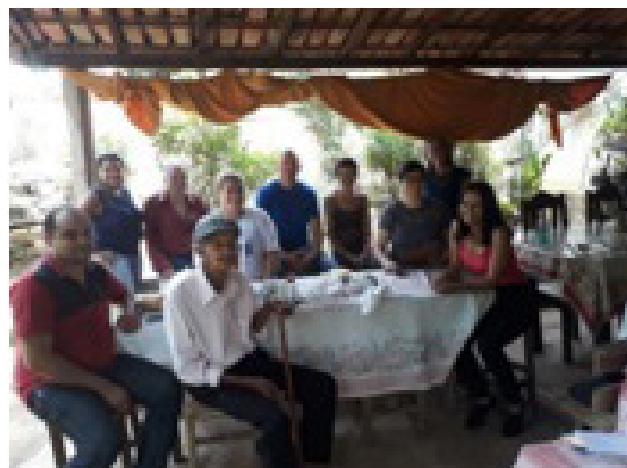
### Considerações finais

Diante dessa rica experiência ao longo do curso, os profissionais da escola e os estudantes tiveram a oportunidade de perceber que a Educação do Campo nasce no meio do movimento de luta pela terra, e que a escola precisa valorizar esses sujeitos do campo, sua história, cultura local e cuidar da natureza, pois é dela que vem o seu sustento.

O curso “Ampliando Saberes para a Construção da Escola do Campo” trouxe uma nova perspectiva para a construção do Inventário da Escola Classe Lajes da Jibóia. Foram diversos momentos de estudos, debates, saídas a campo, em que se pode perceber as riquezas dessa região do Distrito Federal, que fica quase na divisa do estado do Goiás.

Essa experiência de formação continuada na própria instituição, realizada pela co-ordenação pedagógica, foi

Imagem 28. Visita à moradores antigos da região.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 29. Visita à moradores antigos da região.



Fonte: Arquivo da autora.

fundamental para o sucesso dos resultados, pois por meio do planejamento com os professores foi possível aliar os temas relacionados ao curso à prática em sala de aula. Isso contribuiu para que avançássemos no conhecimento da história da escola, da região e no fortalecimento da identidade da escola, que reconhece sua concepção de ensino e quer avançar cada vez mais nessas trilhas, proporcionando ao corpo docente e discente, e a toda comunidade escolar, novas oportunidades de fortalecermos nossas raízes enquanto escola do campo. ■

### Bibliografia consultada

DISTRITO FEDERAL. **Lei da Gestão Democrática do Sistema de Ensino Público do Distrito Federal.** Lei nº 4.751, de 07 de fevereiro de 2012. Disponível em: <www.sinprodf.org.br> Acesso em: 08 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Tory. Estamos sendo envenenados? **Revista Nova Escola.** p.18-21. Ano 33, nº 315. Set. 2018.